

O viver ribeirinho das mulheres da Comunidade Indígena Kokama Sapotal / Tabatinga-AM

The riverside life of women in the Kokama Indigenous Community Sapotal / Tabatinga-AM

La vida riverísima de las mujeres en la Comunidad Indígena Kokama Sapotal / Tabatinga-AM

Recebido: 06/09/2022 | Revisado: 16/09/2022 | Aceitado: 18/09/2022 | Publicado: 25/09/2022

Brian Angelo Sandoval Sanches

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2605-1853>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: brianssanches@gmail.com

Elinalda Samias Aguilar

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7274-4277>

Universidade do Estado do Amazonas, Brasil

Ana Sávía Farias Ramos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5556-8950>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil

E-mail: ana.ramos@ifam.edu.br

Eubia Andrea Rodrigues

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9080-9342>

Universidade do Estado do Amazonas, Brasil

E-mail: eandrea@uea.edu.br

Reginaldo Conceição da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7158-8185>

Universidade do Estado do Amazonas, Brasil

E-mail: resilva@uea.edu.br

Máximo Billacrês

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8204-620X>

Universidade do Estado do Amazonas, Brasil

E-mail: billacres@gmail.com

Resumo

De acordo com dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística, a população indígena nos nove municípios compreendidos pela mesorregião do Alto Solimões, localizada no Sudoeste do estado do Amazonas, alcança o total de 61.901 pessoas. O saber indígena é caracterizado como elemento distintivo desses grupos. Estes grupos também se distinguem por manter formas de organização social próprias, construídas ao longo de um percurso histórico que lhes é único e fomentadas em relação ao ambiente do qual provêm suas necessidades de vida por meio do trabalho. Neste artigo, nos dedicamos ao saber das mulheres aplicado à agricultura da população indígena Kokama da Comunidade Sapotal, localizada no município de Tabatinga-AM. Visto que, o espaço multifacetado do meio rural compreende múltiplas características regionais diversificadas em grupos étnicos, religiosos e geracionais. Acrescenta-se a esta diversidade, o fator do gênero e os espaços de trabalho. Diante disto, tomamos as seguintes questões como norteadoras da pesquisa: quais são as práticas exercidas pelas mulheres Kokama na atividade produtiva e na organização espacial da Comunidade Sapotal? Qual a função econômica e social que estas práticas exercem para o conjunto da família e da comunidade? O exercício da pesquisa foi conduzido por meio do método da *Complexidade*, tomando a prática da *dialogicidade* como principal forma de produção de dados. Por fim cabe observar que as mulheres Kokama se organizam com suas famílias para formalizarem o processo de trabalho e as atividades a serem realizadas coletivamente. O objetivo do trabalho é, portanto, abordar os diferentes papéis desempenhados pelas mulheres.

Palavras-chave: Mulheres; Kokama; Comunidade Sapotal; Alto Solimões.

Abstract

According to official data from the Brazilian Institute of Statistical Geography, the indigenous population in the nine municipalities comprising the Alto Solimões mesoregion, located in the southwest of the state of Amazonas, reaches a total of 61,901 people. Indigenous knowledge is characterized as a distinctive element of these groups. These groups are also distinguished by maintaining their own forms of social organization, built along a historical path that is unique to them and fostered in relation to the environment from which their life needs come through work. In this article, we dedicate ourselves to the knowledge of women applied to the agriculture of the Kokama indigenous population of the Sapotal Community, located in the municipality of Tabatinga-AM. Since, the multifaceted space of the rural environment comprises multiple regional characteristics diversified in ethnic, religious and generational

groups. Added to this diversity, the gender factor and work spaces. In view of this, we took the following questions as guides for the research: what are the practices carried out by Kokama women in the productive activity and in the spatial organization of the Sapotal Community? What is the economic and social function that these practices have for the whole family and community? The research exercise was conducted through the Complexity method, taking the practice of dialogicity as the main form of data production. Finally, it is worth noting that the Kokama women organize themselves with their families to formalize the work process and the activities to be carried out collectively. The objective of the work is, therefore, to approach the different roles played by women.

Keywords: Women; Kokama; Sapotal community; Alto Solimões.

Resumen

Según datos oficiales del Instituto Brasileño de Geografía Estadística, la población indígena en los nueve municipios que componen la mesorregión de Alto Solimões, ubicada en el sudoeste del estado de Amazonas, alcanza un total de 61.901 personas. El conocimiento indígena se caracteriza como un elemento distintivo de estos grupos. Estos grupos se distinguen también por mantener formas propias de organización social, construidas a lo largo de un recorrido histórico que les es propio y fomentadas en relación con el entorno del que provienen sus necesidades de vida a través del trabajo. En este artículo nos dedicamos a los saberes de las mujeres aplicados a la agricultura de la población indígena Kokama de la Comunidad Sapotal, ubicada en el municipio de Tabatinga-AM. Ya que, el espacio multifacético del medio rural comprende múltiples características regionales diversificadas en grupos étnicos, religiosos y generacionales. A esta diversidad se suma el factor género y los espacios de trabajo. Ante esto, tomamos como guía de la investigación las siguientes preguntas: ¿cuáles son las prácticas que realizan las mujeres Kokama en la actividad productiva y en la organización espacial de la Comunidad Sapotal? ¿Cuál es la función económica y social que tienen estas prácticas para toda la familia y la comunidad? El ejercicio de investigación se realizó a través del método de la Complejidad, tomando como principal forma de producción de datos la práctica de la dialogicidad. Finalmente, cabe señalar que las mujeres Kokama se organizan con sus familias para formalizar el proceso de trabajo y las actividades a realizar colectivamente. El objetivo del trabajo es, por tanto, aproximarse a los diferentes roles que desempeñan las mujeres.

Palabras clave: Mujeres; Kokama; Comunidad Sapotal; Alto Solimões.

1. Introdução

A Mesorregião do Alto Solimões está localizada no Sudoeste do estado do Amazonas abrangendo cerca de 213.281,24 km onde se abriga os municípios de Amaturá, Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Fonte Boa, Jutáí, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença, Tabatinga e Tonantins. De acordo com dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE, 2014 - estimativa), dentre a população dos nove municípios, assentam aproximadamente 241.698 pessoas, destas, mais de 61.901 pessoas são identificados como indígenas já contactados, distribuída em 13 povos (tikuna, witoto, kaixana, mayuruna, matis, kanamary, kulina-pano, kulina-majihá, marubo, kurubo, matsés, kambeba e o kokama).

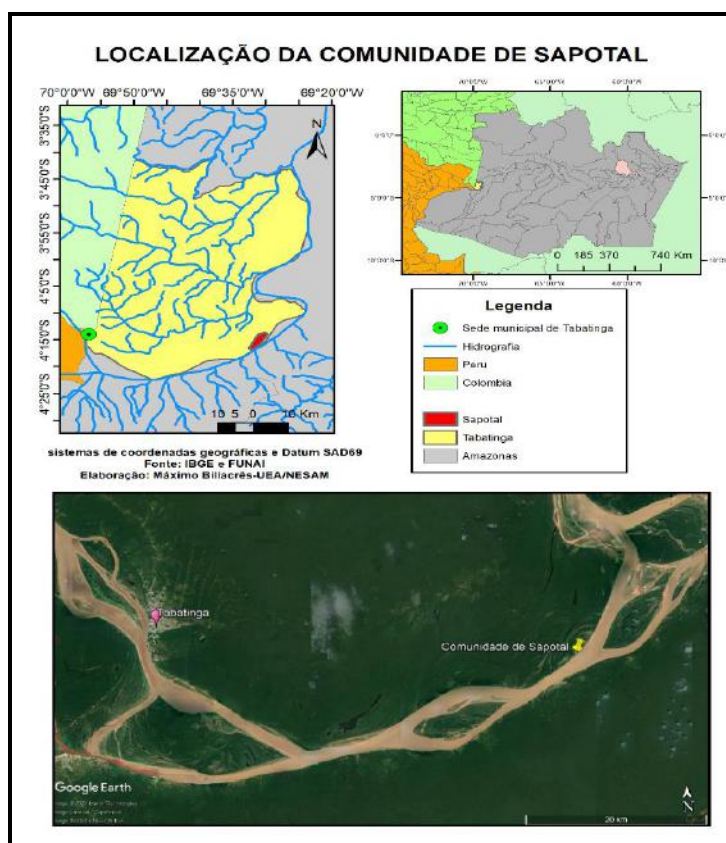
A presença de grupos indígenas na mesorregião indica a existência de saberes simples e complexos, plurais e singulares, individuais e coletivos, técnicos e tecnológicos, populares e territoriais, locais. Estes saberes, por sua vez, contribuem para a configuração de redes trans-multiescalares que, como observou Saquet (2019), nos permite uma compreensão do *território-lugar* ligados a *territórios-lugares* por múltiplas relações que se (i)materializam nestas diferentes redes. Como ainda observa Leff (2015), a complexidade ambiental é asseverada pelos saberes indígenas, os saberes do povo, o saber pessoal vinculados entre si pelo Saber Ambiental. O que culmina como uma experiência básica e essencial com o ambiente que questiona os paradigmas estabelecidos e abastece as fontes do conhecimento.

Neste contexto, o saber indígena é caracterizado como elemento constitutivo do grupo estudado. A Comunidade Sapotal é habitada por indígenas da etnia Kokama, uma população que pode ser designada genericamente no hall das “populações tradicionais”, no sentido de possuírem uma forma de organização social própria, tecida em meio a um percurso histórico comum e uma determinada relação com o ambiente do qual retiram seu principal meio de existência e persistência no tempo no que tange à sua continuidade material e simbólica (Pereira & Diegues, 2010). Estes elementos constituem uma cultura, valores e estilos de vida nem sempre reconhecidos oficialmente (Campanilli, 2012), mas que baseiam relações afetivas e de pertencimento que também interessam à organização política. Assim, politicamente, a percepção da diferença entre o

“nós” e os “outros”, a compreensão das particularidades e características em comum, é articulada com vistas à projeção e (i) materialização do presente e do futuro. A ação afirmativa de uma identidade fortalece redes de reciprocidade, solidariedade e cooperação que envolvem relações econômicas, culturais e políticas sem deslocamento da natureza e do território, categorizando a *identidade* como uma unidade dialética (Saquet, 2017).

As particularidades de cada etnia contribuem para a observação dos serviços ecológicos da biodiversidade nos agroecossistemas mantidos pelos agricultores da Mesorregião do Alto Solimões. Como foi posto por Noda et al., (2013), Silva (2009), Dácio (2017) entre outros, cujos estudos se dedicaram à agricultura familiar na mesorregião, as atividades desempenhadas por estas famílias de agricultores preservam a biodiversidade, não somente nas áreas cultivadas, mas também naquelas sem cultivo. Segundo os autores mencionados, o saber que orienta estas práticas provem da experiência no ambiente e constitui sistemas especiais de conhecimento e percepção (Altieri, 2001). Neste artigo nos dedicamos ao saber aplicado à agricultura da população indígena Kokama da Comunidade Sapotal, localizada município de Tabatinga-AM. Considerando-se toda a população da mesorregião do Alto Solimões, o contingente Kokama corresponde a 11.274 pessoas, das quais, 470 habitam a referida Comunidade (IBGE, 2010) (Figura 1).

Figura 1 – Localização da Comunidade Sapotal.



Fonte: Autores.

O estudo se concentra na participação das mulheres Kokama no que concerne às atividades produtivas realizadas na Comunidade. Deste ponto de vista, consideramos o espaço multifacetado do meio rural e suas múltiplas características regionais diversificadas em grupos étnicos, religiosos e geracionais. Neste sentido, e partindo da compreensão que as diferenças de gênero são construídas socialmente, buscaremos entender a questão do gênero como um fator explicativo de determinadas funções sociais na Comunidade por meio de uma abordagem sobre a atuação das mulheres no processo de

produção agrícola. Não obstante, consideramos que o papel desempenhado por estas mulheres não se restringe às atividades puramente econômicas, desde que o trabalho e o saber que orientam estas atividades baseiam processos de socialização e redes de solidariedade mais amplas, por meio das quais o saber sobre o ambiente se perpetua no tempo e a Comunidade se reproduz material e simbolicamente.

A Comunidade Sapotal está localizada em um ambiente de várzea, termo que designa a uma das configurações ecossistêmicas que, juntamente ao ambiente de terra firme, se apresenta como uma das principais condicionantes ambientais e ecológicas que regem a agricultura familiar na mesorregião do Alto Solimões (Laques, 2013; Ramos, 2018; Batista, 2018). Neste contexto, o trabalho agrícola das famílias indígenas é orientado de forma semelhante às outras manifestações da agricultura familiar na mesorregião (Noda et al., 2013), à medida que é direcionado para a manutenção da autonomia da família em termos de acesso à alimentação proveniente da produção agrícola e para a geração de uma renda monetária necessária às demandas familiares que não podem ser atendidas diretamente pela produção agrícola familiar.

Do ponto de vista da organização do trabalho, destaca-se, portanto, a preponderância da família como unidade elementar de produção e de consumo. Neste sentido, tomamos as seguintes indagações como questões norteadoras do estudo: quais são as práticas exercidas pelas mulheres Kokama na atividade produtiva da Comunidade Sapotal? Como estas atividades influenciam a organização espacial da Comunidade? Qual a função econômica e social que estas práticas exercem para o conjunto da família e da Comunidade? A escolha do tema se justifica pela preponderância que a agricultura familiar apresenta para a mesorregião nos mais diversos termos, dos quais se destacam: a) as relações entre as populações e ambiente que contribuem para a conservação da biodiversidade característica da mesorregião; b) a articulação entre esta biodiversidade, os processos de trabalho e o saber agregado à produção, uso e conservação das espécies; c) a diversidade de papéis desempenhados pelas mulheres Kokama no tocante à manutenção e reprodução de atividades produtivas que sustentam não só sua família, mas baseiam redes de solidariedade e de saberes que dão a forma da Comunidade estudada em termos de sua configuração social, espacial e ambiental.

O exercício de pesquisa se desenvolveu, por sua vez, pela observação e descrição dos fazeres e saberes das mulheres Kokama da Comunidade Sapotal observando-se três condições que nos parecem explicativas de suas práticas e saberes: o fato dos sujeitos da pesquisa serem, simultaneamente, mulheres, indígenas e ribeirinhas. Sob esta perspectiva, os fatores de gênero, filiação étnica e condições ambientais e ecológicas do meio onde vivem foram considerados como elementos explicativos dos processos e relações que pretendemos estudar.

2. Metodologia

A proposta metodológica que orienta este trabalho poderá ser encontrada nas proposições de Morin (2015) acerca da fuga da *inteligência cega* que, segundo o autor, destrói os conjuntos e as totalidades, isola todos os seus objetos do seu meio ambiente, ao não conceber o elo inseparável entre o observador e a coisa observada.

Sob esta perspectiva, buscou-se uma posição cognoscente e a adoção de procedimentos de pesquisa condizentes com o método da *Complexidade*, tal como foi proposto pelo autor (Morin, 2015). Visto que este método: 1) integra em si tudo o que põe ordem, clareza, distinção e precisão no conhecimento; 2) aspira o conhecimento multidimensional, mas concebendo, desde o princípio, a impossibilidade do conhecimento completo, de forma que o caminho a percorrer e percorrido é compreendido como um fenômeno de auto-eco-organização; 3) destas observações, entende-se ainda que a relação entre sujeito e objeto é indissociável da relação sistema auto-organizador/ecossistema.

No entanto, convencionou-se a priorizar a objetividade da pesquisa científica. Neste sentido, concordamos com Freire (2019, p. 50) quando este argumenta que “não se pode pensar em objetividade sem a subjetividade. Não há uma sem a

outra, que não podem ser dicotomizadas”. Transpondo este princípio para a compreensão de uma realidade social onde os indígenas são colocados em posições de inferioridade – ou seja, ocupam os papéis de *oprimidos* (Freire, 2019) por possuírem estilos de vida diferenciados de uma padronização ocidental -, entende-se que é por meio da convivência com eles que se pode compreender as suas forma de ser.

O trabalho de campo consistiu, assim, na observação direta do espaço social e das paisagens que conformam a Comunidade Sapotal. Esta observação e o ato cognitivo imprescindível à sua descrição podem ser compreendidos como procedimentos que são intrínseca, metodológica e etimologicamente decorrentes de uma postura geográfica.

A pesquisa foi conduzida, enfim, sob a luz da *dialogicidade* enquanto metodologia de pesquisa proposta por Freire (2019). Em consonância com as orientações do autor, buscamos manter uma inquietação em torno do conteúdo do diálogo e do conteúdo programático dos procedimentos propostos e adotados. De forma que, o percurso de pesquisa foi desenvolvido em conformidade e diálogo com os seguintes procedimentos metodológicos:

- 1) Levantamento e leitura bibliográfica: por ser uma pesquisa de caráter multidimensional, este procedimento contou com focos *interdisciplinares* nas bibliografias. Com isso, a pesquisa foi realizada em bancos de dissertações e teses das universidades que apresentam pós-graduações com enfoque na temática indígena, principalmente: Kokama, agricultura indígena, mulheres indígenas; e no banco de Teses da Capes. Com isso, obteve-se trabalhos nas áreas de: linguística, antropologia social, cartografia social, geografia, sociologia;
- 2) Pesquisa de campo: o trabalho de campo foi desenvolvido durante três visitas à Comunidade Sapotal. Durante as visitas, foram adotadas estratégias de pesquisa vivenciais e coletivas como “roda de conversa”, com roteiro pré-elaborado, e produção de representação cartográfica da Comunidade pelos habitantes. As informações obtidas por meio destes instrumentos foram aprofundadas em entrevistas feitas com as mulheres Kokama, que, como foi posto, se constituem como as principais interlocutoras desta pesquisa;
- 3) Registro de dados: foram utilizados materiais de registro como câmeras fotográficas, gravador de áudio, aparelho celular, canetas e cadernos, para produção de anotações, imagens e arquivos de áudio durante o trabalho de campo.

Por fim, cabe observar que, embora estes procedimentos tenham se desenvolvido a partir de um projeto com questões e objetivos pré-determinados, seguimos as observações de Minayo (1994) no sentido em que as questões de investigação estiveram, durante todo o trabalho de pesquisa, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. Neste sentido, não podemos deixar de observar que as observações feitas durante o trabalho de campo, assim como sua sistematização em texto, são fruto de inserções no real, encontrando suas razões e os seus objetivos na realidade estudada e comunicada pelas interlocutoras da pesquisa (Minayo, 1994).

De acordo com Santos (2012, p. 15), “... no interior de uma estrutura social que se reconhecem as categorias da realidade e as categorias de análise”. Por este fato, as orientações teóricas utilizadas permitiram compreender e dialogar com os resultados alcançados por meio dos procedimentos metodológicos citados acima.

Um dos principais conceitos foi o de *Território*, aqui entendido a partir da definição de Saquet (2019), para quem o território é produzido por diferentes sujeitos, especialmente pelo povo com o qual necessitamos trabalhar, caracterizando um espaço de (in) formação, partilha, reciprocidade, mobilização, luta resistência político-cultural-ambiental, descolonização, conquista da autonomia decisória e de milhares de condições de vida para e com o povo.

Neste sentido, cabe observar que o reconhecimento da população da Comunidade Sapotal enquanto população identificada como pertencente à etnia Kokama em conjunto com suas lideranças (da época) e lideranças de outras comunidades Kokama se organizaram para a criação da entidade coletiva e representativa OGCCIPK - Organização Geral dos Caciques das Comunidades Indígenas do Povo Kokama. O objetivo principal desta organização é resgatar a cultura Kokama, a demarcação

de terras identificadas pelo grupo indígena como terras de uso da população indígena Kokama – dentre elas, as terras da Comunidade de Sapotal -, assim como garantir o direito ao acesso a programas de educação e saúde direcionados para povos indígenas reconhecidos oficialmente pelas agências do governo.

Como foi informado durante o trabalho de campo, a mobilização em torno do reconhecimento da etnia Kokama no município de Tabatinga-AM, teve início na Comunidade Sapotal, embora a população Kokama do município não habite somente esta localidade.

Outra definição chave operacionalizada durante a pesquisa se refere ao termo *comunidade*, aqui entendido conforme as características apontadas por Diegues (apud Mendonça et al., 2007) segundo o qual as formas de organização assim designadas apresentam:

- Dependência da natureza, dos ciclos naturais, dos recursos naturais renováveis, a partir do qual constroem seu modo de vida;
- Conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos transferidos para as gerações seguintes;
- Noção do território onde a comunidade se reproduz econômica e socialmente;
- Ocupação deste território por várias gerações;
- Importância das atividades de subsistência, mesmo que esta gere algumas “mercadorias” e contato com o “mercado”;
- Reduzido acúmulo de capital;
- Importância da unidade familiar, doméstica ou comunal;
- Importância das simbologias;
- Utilização de tecnologias simples e de baixo impacto sobre o meio ambiente;
- Auto-identificação ou identificação feita por outros, com uma cultura distinta das outras.

Por meio destas características e as extremas polimorfias dos seres humanos, a reflexões sobre as atitudes das relações à vida e o meio ambiente variam conforme as necessidades das variações bioquímicas e fisiológicas individuais. Com isso, a compreensão e a preferência ambiental de uma pessoa é uma necessidade de sua herança biológica, criação, educação, trabalho e arredores físicos (Tuan, 2012)

Desta forma, as representações cartográficas produzidas pelos comunitários são importantes, pois essa cartografia social contribui para uma compreensão das percepções, atitudes e valores do meio ambiente. À medida que estas cartografias também retratam uma situação de pesquisa específica, é possível descrever as situações de conflito e tensão, onde os interlocutores afirmam identidades e territorialidades que julgam estarem ameaçadas pelo projeto desenvolvimentista hegemônico (Acselrad, 2013)

A população da Comunidade Sapotal vive da agricultura familiar e da pesca, assim, se enquadram no conceito de camponês (Sanches et al., 2020). No Brasil, existem dois tipos de produção agrícola bastante distintos: a agricultura familiar (camponesa) e a agricultura patronal. O primeiro tipo de agricultura assume uma diversidade de formas sociais, sendo muito difícil estabelecer um único modelo agrícola camponês (Santilli, 2009).

Não obstante, a compreensão desta população sob a categoria camponês baseia-se nos seguintes argumentos: 1) o processo de reprodução do campesinato amazonense é um processo de concretude, de originalidade e frequência nos debates (econômicos, políticos e culturais), podendo ser referenciado pelas mais variadas designações culturais ou institucionais: caboclo, ribeirinho, lavrador, agricultor familiar, pequeno agricultor, pescador ribeirinho, pescador artesanal, entre tantos outros (Costa & Nunez, 2017); 2) agricultura familiar é um conceito genérico, que incorpora uma diversidade de situações específicas e particulares, constituindo o campesinato uma forma particular de agricultura familiar (Santilli, 2009); 3) como

atualmente, a palavra de ordem é *diversidade*, os camponeses compartilham discretos sinais de identidade, permanecendo por suas invariáveis, mas sobretudo, por seu modo de se transformar, por valores e projetos implícitos em suas múltiplas e complexas estratégias de sobrevivência, sendo renovada por sua recriação mediada por suas resistências e na subordinação ao capitalismo (Bartra, 2011)

Esses sinais de identidade são traços dos numerosos grupos sociais que habitam a Amazônia desenvolvendo um singular estilo de vida, transmitindo seus costumes e práticas culturais de geração em geração, sem haver necessariamente um reconhecimento político de suas existências (Fraxe, 2004). Neste sentido, deve-se qualificar o modo de vida Kokama de Sapotal a ribeirinhos, um ser amazônico no qual as suas descrições não podem ser feitas somente da riqueza dos seus recursos naturais, mas ao contexto contraditório no qual estão inseridos e às suas manifestações e práticas culturais.

Versando a respeito do viver ribeirinho das mulheres, o estudo em si está centrado na Geografia Cultural, uma vez que “a cultura é um fator essencial de diferenciação social, e estas diferenças geram suas marcas (Santos, 2000, p. 101-102). O autor também ressalta que a: “[...] realidade de grupamentos populacionais que, na sua relação com o espaço – muitas vezes com o mesmo tipo de espaço físico –, guiavam-se por conteúdos simbólicos distintos e, por esse motivo, nele imprimiam as marcas distintivas das culturas” (Santos, 2000, p. 103), ainda que tais realidades possam ser direcionadas a um determinado público, ou seja, as mulheres indígenas, o que permite direcionar o bem viver a Geografia e Gênero.

No trabalho, toma-se como categoria de análise o *lugar* cujo sentido se constituiu em relação com o modo de vida, ao passo que “o lugar é visto como aquele em que o indivíduo se encontra ambientado, no qual está integrado, ou seja, aquele espaço que possui uma significância para o indivíduo. Ele faz parte do seu mundo, dos seus sentimentos e afeições” (Souza et al., 2009, p. 8). Neste sentido, o lugar é o espaço onde acontecem as relações de coexistência, é onde as pessoas movem-se, individual e coletivamente, construindo uma realidade compartilhada (Motta, 2003) desse modo, busca-se descrever o lugar vivenciado pelas mulheres ribeirinhas Kokama.

3. Resultados e Discussão

3.1 Sobre a Comunidade Indígena Kokama Sapotal

Os primeiros registros encontrados sobre a população indígena Kokama encontram-se nos relatos de viajantes e cronistas o século XVI e XVII, sendo muito utilizados por pesquisadores brasileiros, colombianos e peruanos. Segundo estes registros, os Kokama constituíam um povo que vivia em constante movimento, sendo considerados nômades. “[...] Este processo de deslocamento do povo Kokama tem sido explicado como atrelado a conflitos na busca de terras para plantio e de águas para o exercício da pesca” (Rubim, 2016, p. 29).

Há inúmeros registros da presença do povo kokama no rio Solimões [...] desde o século XVII, mais exatamente entre 1639 e 1691 [...] os comentadores regionais relatam ainda hoje que os kokama constituíam um povo que vivia em constante movimento [...] São inúmeros os dados etnográficos concernentes aos Kokama, nas descrições de missionários, viajantes, cronistas, naturalistas, historiadores e administradores coloniais, que apontam estes sucessivos deslocamentos geográficos (Almeida & Rubim, 2012, p. 67-68).

Rubim D. (2016, p. 47) ainda afirma que, “as comunidades do Alto Solimões estão situadas às margens do rio Solimões, em suas ilhas, igarapés e paranás, nos municípios de Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antonio do Içá, Tonantins, Jutá, Fonte Boa e Tefé”.

Segundo informações provenientes das fontes orais, a Comunidade Sapotal foi criada no final do século XIX, provavelmente em 1879, sendo seus fundadores pertencentes às famílias Rodrigues, Curico e Samias, na margem esquerda do rio Solimões, em uma área hoje compreendida administrativamente pelo município de Tabatinga, no estado do Amazonas.

Embora seja difícil reconstruir historicamente o percurso das famílias que fundaram esta Comunidade, o local onde se abrigou o grupo guarda semelhanças quanto ao padrão de assentamento característicos de outros grupos de ribeirinhos indígenas e não indígenas. Como apontam E. P. e Silva et al. (2016), o modo de vida ribeirinho baseia-se na relação intrínseca com o rio e a floresta, que são parte do espaço vivido. Nesta relação, identificam-se as atividades comuns aos grupos ribeirinhos, tais como: a pesca, a colheita do açaí, a caça, o roçado e outras técnicas artesanais que formam um conjunto de técnicas arquitetadas para o uso próprio de determinada comunidade (E. P. & Silva et al., 2016).

Por este ângulo, o saber se apresenta por meio de práticas dinâmicas para a produção de um determinado objetivo e em consonância com as condições ambientais dadas. Assim, a mulher ribeirinha considera a intenção de produzir o necessário e reproduzir a sua vida material, uma vez que a sua produção corresponde ao uso das forças produtivas num determinado período para o seu próprio desenvolvimento enquanto ribeirinho.

Para Pereira e Diegues (2010 p. 39), “a utilização dos recursos naturais ocupa um lugar de destaque para a organização espaço-social dos grupos [...] devido ao desenvolvimento das atividades culturais e de subsistências dessas populações” aqui entendidas como formas de ocupar o espaço e produzir e reproduzir o modo de vida de acordo com a tradição e cultura. Na Comunidade Sapotal, a maioria das mulheres são agricultoras e pescadoras. Esta produção provém os grupos familiares dos bens necessários à satisfação de suas necessidades cotidianas conforme uma organização da economia familiar típica dos agroecossistemas familiares da Amazônia, como observaram Noda (2013), Dácio (2017), Silva (2009), entre outros.

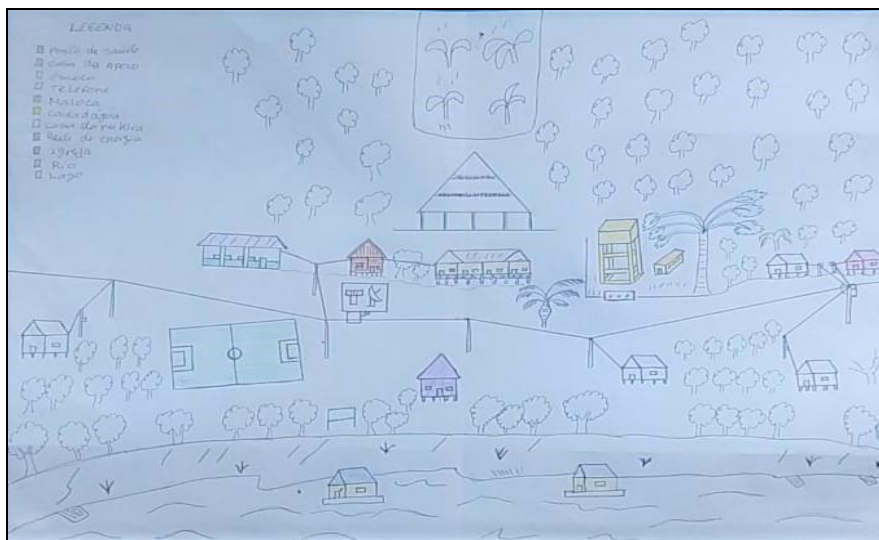
O grupo de famílias que habitam a Comunidade Sapotal, assim como outros grupos indígenas e não indígenas que se encontram às margens dos rios, podem ser, portanto, designados como “ribeirinhos” dadas as características que comumente estão associadas ao termo das quais se destacam: a) relação específica com o ambiente, dada em virtude da maximização dos serviços ambientais e ecossistêmicos para a produção material e simbólica do grupo; b) a organização familiar e coletiva desta produção baseada na organização do trabalho e do consumo em termos de uma agricultura familiar.

Desde o reconhecimento e demarcação da área pertencente à Comunidade como terra indígena Kokama pela FUNAI – Fundação Nacional do Índio –, a Comunidade Sapotal passou a ser identificada como Comunidade Indígena Kokama Sapotal e, atualmente, abriga em torno de 100 famílias. A estrutura material da Comunidade Indígena Kokama Sapotal não apresenta características discrepantes das demais localidades da região, sendo suas principais edificações construídas para o uso coletivo.

Neste sentido, observa-se que a área pertencente à Comunidade possui uma edificação de grandes proporções onde funciona a escola, um posto de saúde, uma maloca que funciona como Centro Cultural da Comunidade, um sistema de abastecimento de água que não estava em funcionamento por ocasião do trabalho de campo, três igrejas cristãs – sendo uma de orientação adventista, outra católica e mais uma de denominação evangélica-, duas edificações que funcionam como casas de apoio para o posto de saúde e para a igreja evangélica, um centro telefônico que também não estava em funcionamento, e um campo de futebol. A Comunidade dispõe de rede elétrica. Além dessas benfeitorias, destacam-se as edificações destinadas à moradia das famílias e as balsas fluviais que servem de ponto para a manutenção das embarcações.

De acordo com os croquis desenvolvidos durante o trabalho de campo (Figura 2 e 3) temos a representação simbólica do espaço da Comunidade feita por dois de seus habitantes, sendo um do gênero feminino (Figura 2) e outro do gênero masculino (Figura 3). Desde que o croqui, como mapa mental, evidencia a representação imaginária de um lugar, adotou-se esta estratégia como uma ferramenta crucial para a apresentação espacial de um dado espaço neste caso, o da Comunidade de Sapotal. A ideia da construção de dois croquis foi orientada prioritariamente para expressar o olhar espacial da mulher sobre a comunidade (Figura 2) de acordo com suas percepções do lugar, considerando a vivência e experiência própria e, também, em relação à representação masculina do mesmo espaço. O corte de gênero é tomado neste estudo como um elemento explicativo das dinâmicas que se pretende estudar.

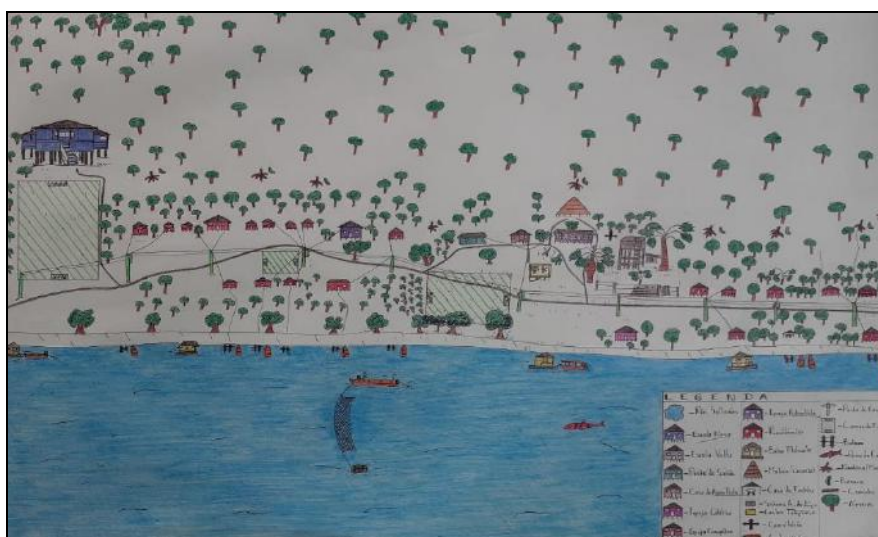
Figura 2 – Recorte parcial do espaço da Comunidade Sapotal.



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Na Figura 2, nos chama atenção à disposição do arranjo espacial da comunidade expressas pela moradora, no qual, fazendo uso de sua criatividade representou as edificações que ocupam o espaço. Ora, foram representados as casas/residências que se encontram próximas ao rio, o Centro Cultural (“Maloca” ou “Casarão” – como os mesmos a denominam) se encontra próximo a floresta, as balsas fluviais, os fios da rede elétrica entre outros.

Figura 3 – Espaço e organização interna da Comunidade Sapotal.



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Enquanto a Figura 3, referente ao croqui construído pelo homem, se nota o recorte espacial mais amplo da comunidade, apresentando mais detalhes que fazem parte do arranjo espacial da comunidade. Chama atenção no croqui o uso da terra e da água, na terra com a presença das construções – residências, roçados e edificações de uso coletivo, na água da presença dos pescadores e balsas fluviais. Dentre isso, também se tem a disposição dos campos de futebol, das árvores em pé, do fios da rede elétrica distribuídos na comunidade entre outros.

Desta forma, cabe ressaltar a representação feminina da Comunidade por meio de um desenho que é reproduzido com um recorte espacial da comunidade, assim, possibilitando observar uma variação de escala em comparação com o croqui desenvolvido pelo habitante do gênero masculino.

Comparando-se os dois croquis, é possível observar a diferença entre ambas as concepções e observações da própria Comunidade, em específico na forma de localizar, identificar e simbolizar um determinado elemento, com a finalidade de apresentar e dar destaque a alguns elementos importantes que se encontram presentes no espaço da comunidade. Com isso, a presença da mulher vem ser mais forte na agricultura familiar, no qual ela se divide em uma jornada de trabalho extensa durante o ano (de janeiro a dezembro), onde combinam as atividades domésticas (em casa) com as atividades agrícolas (na roça) e agregam valor aos produtos agrícolas, buscando adquirir uma renda monetária necessária à manutenção da família.

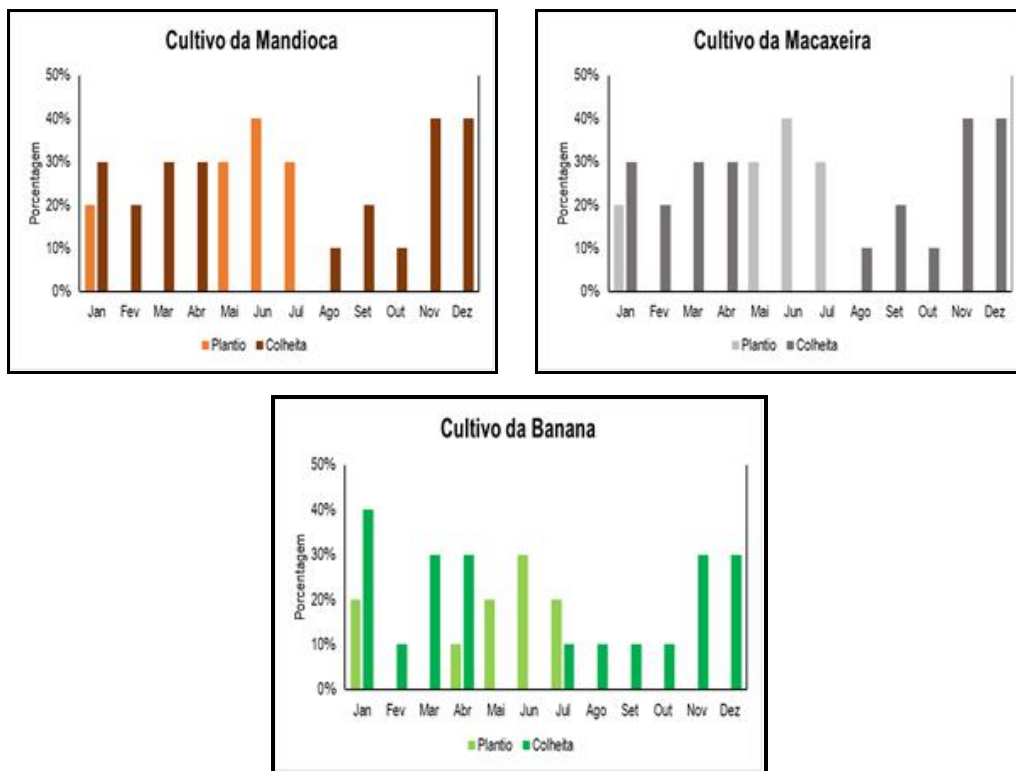
Na Comunidade de Sapotal pode-se citar os produtos originados e produzidos, como - mandioca, banana, macaxeira, milho, farinha, tapioca, feijão e a melancia, e o artesanato doméstico, que se constituem em um só pacote de produtos complementares para a renda das famílias Kokama. As mulheres ribeirinhas juntamente com a suas famílias se organizam para coletivamente formalizarem o processo de trabalho e as atividades a serem realizadas para o próprio beneficiamento. Como dito anteriormente, as mulheres Kokama trabalham somente com o propósito de atender a demanda da subsistência familiar, como uma forma de sobrevivência e de produção do viver ribeirinho na região do Alto Solimões.

A Comunidade Sapotal está situada em um ambiente de várzea. Como foi posto anteriormente, este termo faz referência a um dos ambientes predominantes da mesorregião do Alto Solimões, tendo como característica, a incidência das águas do rio sobre as terras durante parte do ano. Este fenômeno comumente observado nas áreas de várzea é designado localmente pelo termo “alagação” (Martins et al., 2019; Ramos, 2018) e está relacionado aos movimentos de “enchente” e “cheia” do rio. Não obstante, como foi proposto por Martins et al., (2019) utilizamos a noção de pulsar das águas para nos referir aos processos dos quais decorrem não somente os movimentos de subida e descida do rio, mas a uma complexa dinâmica de circulação de água no ambiente a partir da qual as populações humanas constroem suas percepções, seus saberes e seus mecanismos de tomada de decisão.

Assim como observou o autor em seu estudo com as famílias de agricultores da Comunidade São José, em Benjamin Constant – AM (Martins et al., 2019), o trabalho na Comunidade Sapotal é regido pela observação dessas variações sazonais, de forma que o trabalho dedicado à produção agrícola, e às outras atividades que compõem a rotina familiar, é organizado em acordo com o saber-fazer dos agricultores e agricultoras, mas também pelas possibilidades abertas pelo sistema ambiental. Tal dinâmica compreende uma variedade de atividades que visam a manutenção e o bem-estar da família – em termos da sua autonomia alimentar e geração de renda monetária – mas que também e, talvez principalmente, contribuem para a manutenção da biodiversidade e perpetuação de práticas e saberes agregados às espécies vegetais cultivadas e consumidas, assim como às demais atividades econômicas empreendidas pelo grupo.

Do ponto de vista da produção agrícola, a Comunidade Sapotal destaca-se pelo cultivo de variedades de mandioca, banana, macaxeira, milho, farinha, tapioca, feijão e melancia. À esta produção, acrescentam-se a pesca e o artesanato como as atividades e bens que garantem o abastecimento das famílias Kokama em termos de sua alimentação e de renda monetária. As diversidades de atividades demandam o emprego de trabalho durante todo o ano. As condições ambientais demarcadas pelo pulsar das águas, o ciclo produtivo de cada espécie e as demandas de consumo das famílias e do grupo organizam, por sua vez, os períodos em que o trabalho será empregado em cada atividade. No que tange à produção das espécies que apresentam valor de consumo e comercial, cabe destacar as variedades de mandioca, macaxeira e banana cujos processos de cultivo e colheita são organizados, geralmente, conforme os calendários que se seguem (Figura 4).

Figura 4 – Calendário agrícola do período de plantio e colheita dos produtos anuais em Sapotal.



Fonte: Dados de campo (2021). Org.: Sanches (2021).

O calendário agrícola (Figura 4) que é construído conforme a dinâmica do rio, considerando a enchente, cheia, vazante e seca. Como mostrado no calendário, a plantio dos cultivos referenciados em maior proporção se dá nos meses de janeiro, maio, junho e julho, enquanto nos meses restantes se realizam os cultivos de cuidado e a colheita.

Em termos de organização espacial desta produção, também observa-se o plantio destas espécies em um mesmo espaço produtivo designado localmente como “roça”. Por se configurar como um lugar de produção de gêneros que são apreciados localmente, sendo componentes comuns da dieta tanto da Comunidade como da região como um todo, as variedades de banana, macaxeira e mandioca empregam boa parte do trabalho familiar. Pois, tratam-se de gêneros alimentícios que abastecem às famílias e encontram aceitação no mercado local. Neste sentido, as “roças” são manejadas tanto pelos homens quanto pelas mulheres dos grupos familiares (Figura 5).

Figura 5 – Mulher Kokama na roça.

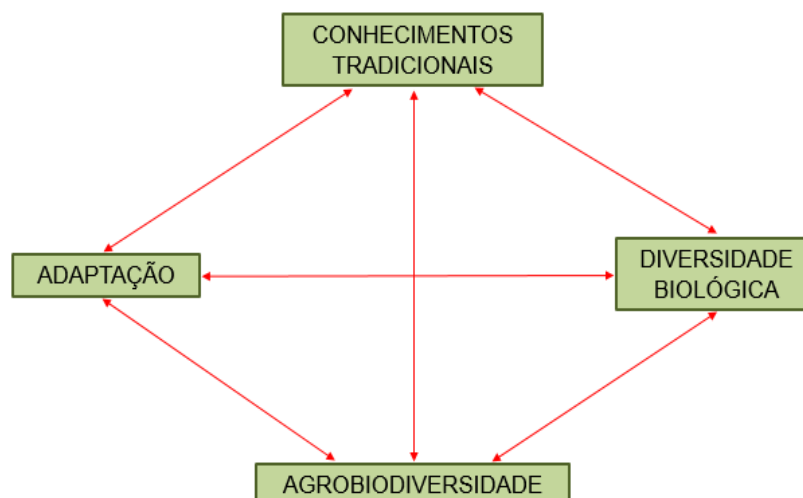


Fonte: Trabalho de campo (2021).

Como observado na Figura 5, a mulher Kokama se ocupa em cultivar a terra para o plantio das espécies que atendem as suas necessidades. Neste caso, é interessante destacar o uso da enxada para limpar ou abrir um pequeno espaço para plantio, ao mesmo tempo, que se observa a presença de outras espécies cultivadas, como, banana e macaxeira

Podemos assim apresentar na Figura 6 um diagrama que sistematiza e representa perpendicularmente os aspectos envolvidos nas práticas sociais e econômicas na Comunidade Sapotal de forma que a inter-influência de seus elementos dão sustento e funcionamento a um sistema de produção. O referido fluxograma dá visibilidade especificamente ao sistema desenvolvido durante os diversos períodos de vivência na Comunidade, principalmente na época de inverno e verão. Os aspectos desse sistema (conhecimentos tradicionais–agrobiodiversidade–diversidade biológica–adaptação) se relacionam entre si em conformidade com o tempo-espaço e, também, em relação a sua operacionalidade pelas famílias indígenas ao longo do ano.

Figura 6 - Aspectos envolvidos nas práticas sociais e econômicas na Comunidade Sapotal.



Fonte: Autores.

Um dos aspectos que está presente em toda a época são os conhecimentos tradicionais, este é o sustentáculo e a base da sobrevivência dos indígenas, por esse se faz o uso da agrobiodiversidade (elementos naturais), assim obtendo-se uma diversidade biológica (diversas plantas cultivadas em um mesmo espaço), que são adaptadas conforme a incorporação e o acolhimento do espaço para a sua produção. Em si, este sistema é promovido pelos dos indígenas Kokama em saber se reinventar ao momento vivido visando viver com os recursos presentes e de acordo com as circunstâncias e necessidades.

3.2 As mulheres Kokama na agricultura familiar (uso da terra)

As atividades realizadas na “roça” demandam a utilização de vários instrumentos como o terçado (facão grande), enxada, machado e boca de lobo. Como foi posto, estes gêneros tem o seu período de plantio e colheita regido pelos calendários representados anteriormente na Figura 4. Não obstante, como também foi posto, as atividades relacionadas à sua produção podem ser realizadas em diferentes períodos do ano conforme as mudanças hidrológicas designadas localmente como “enchente” e “cheia” do rio.

A dinâmica de produção está condicionada, portanto, a diferentes fatores. É desejável que a colheita das variedades de macaxeira, mandioca e banana ocorram até 1 ano após seu plantio. No entanto, quando as famílias observam a iminência de eventos extremos, designados como grandes cheias ou enchentes, a colheita é abreviada e os produtos podem ser colhidos após somente 6 meses de seu plantio, sendo esta uma estratégia acionada pelas famílias no sentido de não perder sua produção.

De forma geral, observa-se que a plantação ocorre de maio a julho e a colheita de novembro a fevereiro – períodos em que as águas do rio se encontram niveladas ao solo cultivado. Por outro lado, quando as famílias de agricultores observam que o aumento do nível do rio não vai alcançar as terras cultivadas, as plantações são mantidas por até 1 ano, sendo a colheita realizada no mês de abril e o plantio acontecendo no mês de janeiro.

Esta seria uma segunda estratégia de manutenção dos cultivos que garantem o abastecimento destes gêneros durante todo o ano e o acesso aos produtos em diferentes estágios de maturação. Desta forma, cabe observar ainda a possibilidade destas famílias em dispor dos produtos que compõem sua alimentação e podem prover uma renda monetária por um período mais extenso de tempo, sendo possível que estes produtos sejam disponibilizados sob a forma de alimentação ou fonte de recursos em acordo com as necessidades das famílias.

Mesmo quando as enchentes e cheias impossibilitam a manutenção das roças pelo período de 1 ano, a ação das águas sobre o solo é vista como um aspecto positivo. Conforme pode-se constatar durante o trabalho de campo, a alagação de áreas cultiváveis é entendida como um serviço ecossistêmico, tendo em vista os processos que convergem para uma maior fertilidade da terra. Desse ponto de vista, devemos considerar que os depósitos de matéria orgânica decorrente das alagações efetivamente podem contribuir para o enriquecimento do solo.

Conforme o calendário agrícola (Figura 4) e de acordo com as agricultoras, as atividades de plantio e colheita são organizadas em acordo com duas estações do ano: o verão, quando se dedicam à plantação, refere-se aos meses de julho e agosto; a estação de inverno é marcada pela subida do nível da água do rio, o que se espera que ocorra após seis meses do plantio, quando se constata um maior volume de águas incidindo sobre as terras cultivadas. Como foi posto, a iminência da ação das águas alerta sobre a necessidade de colheita da produção e ativam a força de trabalho das famílias para esta atividade. No entanto, como também foi posto, o período em que há o aumento do nível do rio é variável. Quando este fenômeno ocorre em seis meses após o período de “verão”, as famílias o classificam como “inverno grande”, designação êmica correlata ao evento de “alagação”. Nos anos em que a não se observa o evento de “alagação”, as atividades de colheita podem ser postergadas até os nove meses após o plantio e se prolongar até 1 ano.

Do ponto de vista econômico, as agricultoras Kokama preferem a postergação da colheita. Tal preferência é manifestada em termos do estado de maturação das espécies, o que nos denota o saber, a percepção e a consideração destas

mulheres sobre os ciclos produtivos no cálculo de uma economia doméstica. Segundo nossas interlocutoras, a produção agrícola “rende muito” quando está “madura” e, conseqüentemente, “rende pouco” quando está “verde”.

Embora não nos seja possível mapear todos os fatores que confluem para esta percepção, é possível inferir que o fenômeno da “alagação” afeta diferentes localidades que se dedicam à produção agrícola de maneira muito semelhante. Desta forma, a incidência das águas sobre o solo pode afetar tanto a qualidade do produto quanto a oferta destes nos mercados locais. Assim, podemos considerar que a o caráter de emergência que se configura a cada “alagação” pode levar a uma grande oferta dos mesmos bens nos mercados e ao mesmo tempo, o que pode contribuir para uma queda de preço, assim como pode afetar a qualidade dos produtos ofertados.

Segundo as mulheres ribeirinhas, quando as mesmas começam a plantar a mandioca e a macaxeira na roça, também, plantam as espécies de banana (pacová, maçã, prata, cumprida, sapo). Contudo, na referida comunidade além de cultivar a mandioca, macaxeira e banana, as mulheres cultivam o milho, feijão, melancia, jerimum, pimentão e a pimenta cheirosa. Na maioria dos cultivos agrícolas são adotadas algumas estratégias de plantação. As mulheres ressaltam, no caso do milho, este tem que ser cultivado individualmente para que assim seja possível produzir espigas grandes, caso contrário, irá produzir espigas pequenas. A melancia, também deve ter o seu espaço para ser plantado e cultivado, tanto que o seu roçado tem que ser grande e limpo, para que assim os ramos possam crescer, se espalhar e conseqüentemente produzir frutas grandes e boas. Já, as espécies de jerimum e feijão podem ser cultivadas em consórcio com outras espécies, pois, estes conseguem se reproduzir.

Salientando que quem produz são os próprios Kokama sob uso dos conhecimentos tradicionais, no qual a maioria dos produtos agrícolas cultivados são para o consumo familiar e o excedente para a venda. Para tanto, de acordo com os dados de campo, de toda a realização do processo de trabalho, os Kokama obtêm os rendimentos para a sua subsistência, possibilitando no atendimento das necessidades básicas da família, uma vez que com isso é possível adquirir o necessário, como, arroz, açúcar, macarrão, feijão, sal, óleo de cozinha, etc. Um fator muito interessante observado durante o campo na comunidade e que demonstra a união das famílias dentre as mulheres é a escolha das espécies agrícolas que vão ser cultivadas na roça, isso acontece periodicamente, quando, as mulheres se reúnem, conversam e fazem um acordo pessoal sobre a escolha da referida espécie agrícola a ser cultivada.

3.3 A produção da farinha Kokama

Segundo as informações produzidas durante o trabalho de campo, a produção de mandioca proveniente das roças mantidas pelas famílias Kokama da Comunidade de Sapotal é destinada para o beneficiamento em farinha. O processo de produção da farinha passa por etapas árduas, sendo necessária uma grande quantidade de trabalho para a execução desta atividade, o que significa o trabalho de 5 a 10 pessoas, praticamente a capacidade de trabalho de toda uma família, cujo emprego é variável em acordo com as atividades necessárias a cada etapa. Considerando as atividades pertinentes ao beneficiamento da farinha, podemos afirmar que estas atividades são realizadas predominantemente pelas mulheres Kokama, em especial as atividades realizadas na casa de farinha, como o descasque, lavagem, ralagem, prensagem e peneiramento das raízes, além da torração, resfriamento e ensacamento da farinha. No entanto, considerando que o processo de produção da farinha abrange desde as atividades de produção da mandioca na roça, constata-se também a participação masculina em algumas etapas dessa produção, notadamente na preparação, cultivo e manutenção da roça, no arranque e transporte da mandioca e torração da farinha.

De forma geral, foi possível identificar que a produção de farinha de mandioca passa pelas seguintes etapas: fazer a roça de mandioca, cultivar, cuidar da roça, arrancar a mandioca; descascamento, lavagem, transporte, ralamento, prensagem e peneiramento das raízes ainda cruas, quando então se passa para a torração, resfriamento e ensacamento da farinha. Os discursos a seguir foram produzidos durante o trabalho de campo por agricultoras da Comunidade de Sapotal e permitem

identificar as atividades de “fazer a roça”, os procedimentos do cultivo da mandioca e a manutenção da roça como atividades elencadas pelas próprias agricultoras como parte do processo necessário para a produção de farinha:

“Pra fazer a farinha, primeiro, a gente procura um pedaço de terra e roça, faz um ajuri, chama todas as pessoas que querem trabalhar, as mulheres pra roçar, depois a gente roça (...) a gente queima, depois quando ‘está’ seco, aí a gente já vai coivara, alimpar bem, jogar os paus pra plantar a maniva, depois que a maniva tá plantadinho que já começam [a] crescer, um palmo de crescido a gente vai capinar pra não ficar cerrado”. (S. S. A., agricultora, 29 anos).

“Quando eu vou trabalhar na minha roça eu chamo minhas filhas, minhas vizinhas pra fazer meu ajuri na minha roça e depois de roçado, eu vou queimar, eu joga pra beira os paus que tiver no meio da roça (...) e aí depois de limpo eu vou plantar, tiro a maniva, corto e depois eu vou cavar com a enxada pra plantar a maniva, depois de plantado, de 1 mês depois que tiver cerrado a gente vai capinar [a roça], aí vai (...) capinando todo mês, né? Que a gente capina”. (S. S. A., agricultora, 49 anos).

A colheita da mandioca cultivada nas roças é referida localmente como “arrancada”. Como foi posto anteriormente, a produção de cada roça não é necessariamente colhida de uma só vez. No entanto, a primeira colheita, que ocorre após o mínimo de 6 meses do cultivo, é chamada de “primeira arrancada” e envolve o deslocamento de parte da família de seus domicílios até os terrenos de roça em canoas movidas a um motor do tipo “pec pec”. Após a “arrancada”, as mulheres descascam a mandioca (Figura 7). Isso ocorre na própria roça ou no porto da casa. Quando o descascamento acontece na roça, as mulheres carregam a mandioca descascada para a canoa e voltam para a casa, deixando a mandioca na canoa para “pubar” (fermentar) durante 2 ou 3 dias. Conforme os depoimentos das agricultoras:

“Depois de 6 mês a gente vai fazer, vai arrancar e descascar, e depois a gente coloca na canoa pra fazer a massa, depois [que] tiver molhe a massa a gente tira pra colocar lá na canoa, lá na casa de farinha”. (S. S. A., agricultora, 49 anos).

“Até com 10 ‘meses’, 8 ‘meses’ aí eu já vou tirando (...) já tem a mandioca, aí eu já vou arrancando, vou descascando, descasco e carrego (...) primeiro eu faço a puba”. (E. S., agricultora, 53 anos).

Figura 7 – Mulheres ribeirinhas Kokama descascando a mandioca.



Fonte: Trabalho de campo (2021).

Na Figura 7, para a atividade de descasca da mandioca, as mulheres se reúnem em grupos de 5 a 10 pessoas. Observa-se que se tem mandiocas em sacas (forma que é levada da roça para bem próximo da casa de farinha) e dispostas a frente das

mulheres para agilizar o processo de descascamento. O seguinte depoimento expressa o período de colheita e algumas etapas de processamento da farinha:

“Depois ‘que está’ grande a maniva de 6 meses já, a maniva já começam já ter as batatas (...) de 6 mês já começam a fazer a farinha. Mas o mais bom quando a maniva ‘está’ mais maduro que é depois de 1 ano a gente começa a fazer a farinha porque a mandioca já ‘está’ maduro, aí a gente depois de 1 ano a gente já começa a arrancar a mandioca, gente arranca, descasca e coloca de molho, depois de 2 dias de molho dentro da água a gente tira e coloca pra escorrer a água (...) numa canoa, pra depois servir”. (S. S. A., agricultora, 29 anos).

Como dito nos depoimentos, depois de ter deixado a mandioca “pubar”, as mulheres lavam e tiram a mandioca da canoa e depositam as raízes em outra canoa grande e seca, disposta perto da casa de farinha (Figura 8), para escorrer a água e “servar” – verbo que designa o ato de ralar a mandioca. A mandioca proveniente da “primeira arrancada”, já ralada e transformada em “massa”, é posta em reserva para ser misturada com a mandioca proveniente de uma “segunda arrancada”. Por ocasião do trabalho de campo, esta segunda arrancada foi realizada no dia seguinte à primeira retirada de mandioca e seguiu os mesmos procedimentos descritos anteriormente: colheita, descasque e lavagem das raízes. Após estes procedimentos, as raízes são levadas à casa de farinha para que se proceda a ralagem e sua transformação em “massa”.

“Depois a gente vai arrancar pra fazer a mistura da massa e, aí a gente vai relar (...) a gente vai relar, o motor [utilizado pra gente] relar a mandioca é um 5.5, aí eu mesmo (...) eu puxo [ligo] o motor aí gente vai relar a massa”. (S. S. A., agricultora, 49 anos).

Figura 8 – Casa de farinha.



Fonte: Trabalho de campo (2021).

Depois dos procedimentos de arranca, descasque, lavagem e transporte da mandioca entre a roça e a casa de farinha, o beneficiamento da mandioca se concentra na casa de farinha. Um dos relatos nos esclarece sobre a importância dos procedimentos realizados na casa de farinha e da própria edificação no que tange aos consecutivos procedimentos para retirar a umidade das raízes:

“Na casa de farinha, a gente tem o forno e tem a prensa que é pra imprensar a massa pra ficar bem seca pra fazer a farinha, pra nós torrar a farinha. E tem que ter a casa de farinha que quando nós vamos torrar pra ninguém tá na chuva, pra não molhar a farinha”. (C. M. S., agricultora, 70 anos).

Na casa de farinha se realiza a ralagem da mandioca pelas mulheres. Após a ralagem, já se considera que a mandioca se tornou “massa”. Essa massa de mandioca é depositada em bacias para que se extraia a goma, um dos subprodutos da mandioca utilizados para o fazer o beiju consumido pelas próprias famílias. Depois da retirada da goma, segue o trabalho com a mistura da massa puba (proveniente da mandioca da “primeira arrancada”) com a massa fresca da mandioca (proveniente da “segunda arrancada”). Posteriormente, esta massa é ensacada e colocada na prensa para ser espremida durante 1 dia. Depois de 1 dia, a massa é retirada da prensa para ser passada na peneira. Como relatado no seguinte discurso:

Depois de relado, a gente coloca na prensa aí vai imprensar, aí depois que tiver seco a massa a gente vai coar na peneira (...) aí depois de peneirar, a gente faz o fogo (...) e o fogo debaixo do embarreado do forno (...) depois quando tiver quente a gente coloca no forno, a gente vai torrar. (S. S. A., agricultora, 49 anos).

Desse modo, enquanto uma pessoa está peneirando a massa de mandioca já espremida, outra pessoa está preparando o fogo à lenha que aquece a superfície metálica plana, chamada localmente de “forno”, utilizada para a torração da farinha. O processo de torração se dá, por sua vez, pela utilização de um pouco de óleo culinário depositado na superfície metálica – no forno – e quando esta superfície atinge a temperatura considerada adequada, a massa de mandioca já peneirada é depositada sobre a superfície para ser torrada (Figura 9). Após a torração, pode-se considerar que temos, como produto final, a farinha. Esta é tirada do “forno” somente após esfriar, quando então é colocada em sacas que são levadas até as casas das respectivas famílias. A farinha produzida serve tanto para o consumo direto das famílias quanto para a comercialização.

Figura 9 – Mulher Kokama torrando farinha.



Fonte: Trabalho de campo (2021).

“Pra [fazer] a farinha a gente tem que fazer o fogo de baixo do forno, do embarreado, aí quando o forno já tá quente, gente prepara já pra colocar o óleo no forno e depois de quente, tudo preparado o forno, a gente já utiliza o remo pra mexer a farinha e vai torrando, a gente torra, quando (...) a farinha que tá no forno já tá bem ‘torradinha’, aí (...) a gente tira porque já se transformou em farinha”. (S. S. A., agricultora, 29 anos).

Sendo assim, na casa de farinha – espaço de trabalho das mulheres Kokama para a torração e produção da farinha, as mulheres aproveitam para conversar, colocar os assuntos em dia, sempre trabalhando animadas, falam de coisas engraçadas, por exemplo, as coisas que acontecem na roça, conversam sobre como vão plantar novamente, ou seja, começam a se planejar sobre o trabalho, de onde vão roçar para plantar a maniva da mandioca e da macaxeira.

Também, falam sobre seus filhos e de seus animais. As crianças ficam perto de suas mães para comer algo que estão fazendo para merendar, como, um peixe moqueado que estão assando em outro fogo. Se tem a presença de animais que comem os grãos que caem do forno ou o resto de peixe que sobra, enfim, assim é o dia de trabalho das mulheres diante a produção da farinha de mandioca.

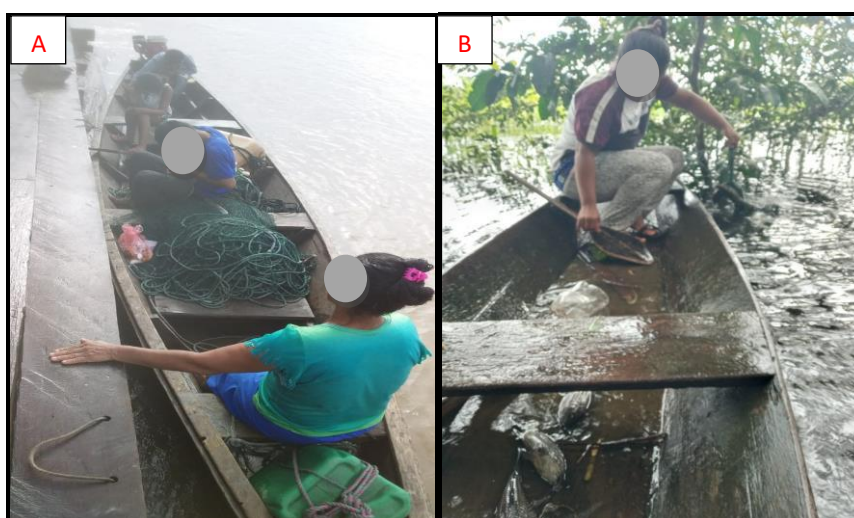
3.4 As mulheres Kokama na pesca (uso da água – rio e lago)

A pesca é realizada tanto pelo homem quanto pela mulher, estando cada vez mais presente na vida das mulheres. As mulheres pescadoras se organizam conforme a quantidade de pessoas. O trabalho em si é coletivo, muitas das vezes formado por grupos de três, quatro ou até cinco pessoas, sendo que todo o rendimento obtido é de responsabilidade de todos os integrantes da pescaria. Algumas mulheres realizam a atividade enquanto o esposo realiza outra atividade. Esta atividade produtiva executada pelas mulheres é realizada em diferentes ambientes aquáticos, neste caso, é desenvolvida tanto no lago/igapó quanto no rio, com a finalidade de obter alimentos para a família, conforme as necessidades diárias de grupo familiar.

No lago/igapó são utilizados alguns equipamentos de pesca, como: canoa pequena; remo; terçado; flecha; caniço; e malhadeira pequena de fibra ou seda. Já no rio, os equipamentos de pesca usados, são: canoa pequena ou grande; motor rabeta; remo; terçado; faca; malhadeira pequena de fibra; malhadeira grande (rede); caniço e linha cumprida com anzol. Quando as mulheres pescam no lago, elas pescam em pares, em embarcações pequenas e separadas, onde capturam espécies de peixes como bodó, curimatã, jiju, traíra e acará-açu. Enquanto a pesca no rio é realizada entre três a quatro pessoas e são capturados peixes pequenos – mandi e mota-, e peixes grandes, como, dourado, piraíba, pirarara, pacamú e melado.

Como foi posto, embora a pesca seja uma atividade que atende às necessidades de alimentação familiar, os produtos destas atividades também podem ser destinados à comercialização. Apresentamos abaixo (Figura 10) o registro de mulheres em atividades de pesqueira em rio aberto e em igapó.

Figura 10 – A) pesca no rio e B) pesca no igapó



Fonte: Trabalho de campo (2021).

Na Figura 10, chama atenção os instrumentos de pesca das mulheres, onde, no rio, referenciando pela Figura 10-A as mulheres juntamente com seus companheiros fazem uso de uma canoa (mede de 8 ou 11 metros) com “pec pec”, malhadeira

grande e outros materiais, enquanto, a pesca no lago, Figura 10-B, utilizam somente uma canoa pequena (mede de 3 a 4 metros), remo, facção grande e malhadeira ou linha cumprida com anzol.

Assim, observamos nas imagens acima que a labuta da mulher Kokama vai além dos serviços domésticos. As atividades de pesca complementam a dieta alimentar e os peixes de interesse comercial são separados para a venda. São atividades de natureza coletiva e ao mesmo tempo didática, pois os filhos e filhas acompanham estas atividades. Como dito, a pesca em si é realizada com a finalidade de atender às necessidades das famílias, e estas necessidades orientam como a pesca será executada, se tem como fim o consumo doméstico ou a venda. Desse modo, há uma grande diferença entre pesca de consumo e pesca de venda, embora ambas tenham o propósito de atender às famílias em suas necessidades cotidianas.

As distinções entre os tipos de pesca podem ser encontradas em relação aos tipos de peixe e o produto que se procura obter com a realização da atividade. Na pesca de consumo, a mulher visa obter peixes, não há escolha, qualquer peixe seja pequeno ou médio serve, pois serve como alimento. A pesca de venda é realizada visando obter os peixes grandes ou os melhores que podem ser vendidos. Neste caso, a escolha do peixe e a venda gera um retorno monetário o que lhes permite a compra de produtos que não produzidos pelas próprias famílias, como arroz, açúcar, gasolina, etc.

3.5 Outras ocupações das mulheres ribeirinhas na Comunidade Sapotal

Na comunidade, as mulheres exercem várias outras ocupações, como: professora, serviços gerais/merendeira, dona de casa, parteira, pastora, comerciante, fiscal, tesoureira. Todas exercem um papel fundamental na organização do espaço da comunidade, no qual assumem uma função de responsabilidade. Ao longo das atividades de campo, podemos observar as mulheres nas diversas atividades, conforme veremos nos registros abaixo.

Dessa maneira, há um grupo de mulheres que trabalham como professora, merendeira, serviços gerais na escola municipal, contratados pela Secretaria Municipal de Educação – SEMED. Das professoras mulheres, que são da própria comunidade, estas assumem o papel de ensinar os próprios filhos e os filhos das outras famílias. Na Figura 11, registramos mulheres acompanhadas de adolescentes e crianças do sexo feminino desempenhando atividades domésticas como a lavagem de louça e de roupa. Estas duas atividades são, aparentemente, exclusivas das mulheres da Comunidade de Sapotal.

Figura 11: Mulheres ribeirinhas Kokama fazendo afazeres domésticos.



Fonte: Trabalho de campo (2021).

Na Figura 11, nos chama atenção e é importante ressaltar, sobre os diferentes espaços usados pelas mulheres (sejam adultas, jovens, adolescentes ou crianças – este com 12 anos) para a realização das atividades domésticas, no qual, se tem adaptações ou adequações para um melhor processamento e, nos dois casos apontados na figura, as mulheres estão fazendo uso da água do rio

A distribuição das atividades desempenhadas pelas mulheres na Comunidade de Sapotal é feita em acordo com disposições individuais e com a disponibilidade de força de trabalho feminina em cada grupo familiar. Assim, é comum encontrar, em um mesmo grupo familiar, mulheres que afirmam “gostar de trabalhar na roça” enquanto outras afirmam preferir ser “dona de casa”. Ou seja, se ocupam das atividades de cuidado e manutenção do domicílio e das crianças. Nesse sentido, as mulheres que ficam em casa, lavam roupa, varrem a casa, trapeia (passar pano) a casa, lava louça, cuidam das crianças, fazem comida, varrem o terreiro e cuidam dos animais. Já as mulheres que vão trabalhar na roça costumam realizar a capina do terreno, ou seja, a limpeza da roça. Também é comum observar que as atividades domésticas – de dona de casa – são realizadas pelas filhas enquanto as mães se dedicam a trabalhar na roça.

Cabe ainda observar que, embora exista esta divisão e distribuição do trabalho doméstico e do trabalho na roça, esta distribuição ocorre apenas em certo grau. Pois, em alguns momentos e conforme as necessidades dos grupos familiares, todos os membros da família podem se dedicar ao trabalho na roça, assim como o trabalho de produção de farinha envolve toda a força de trabalho feminina e infantil disponível.

Também há as mulheres parteiras. As parteiras da Comunidade de Sapotal se encontram na faixa etária de 60 a 70 anos de idade e cuidam das mulheres grávidas durante os 9 meses de gestação. Pois, é a parteira que passa os ensinamentos através dos conhecimentos tradicionais, como as mulheres devem cuidar da própria gravidez para que realizem um parto eficiente e o bebê nasça bem de saúde. As parteiras relatam que já atenderam várias mulheres, incluindo as suas próprias filhas e suas netas. As parteiras relatam que o papel delas é muito importante na Comunidade, porque elas ajudam a mãe do bebê no parto, trazendo a criança para a vida. Segundo elas, a hora do parto é um desafio muito grande e perigoso, mas que no final de tudo é uma satisfação imensa colocar um ser humano no mundo e sentem muito orgulhosas e honradas em poder ajudar a mãe e o bebê.

Na comunidade as mulheres estão situadas e tem a efetivação/realização de suas funções em vários espaços da Comunidade. Sendo assim, há presença das mulheres nas igrejas, do qual se tem a mulher adventista, católica e evangélica. Nas respectivas igrejas, as mesmas ocupam uma determinada função como: catequista, pastora ou líder de um grupo de crianças ou de senhoras. Na igreja, também, há a mulher pregadora, diaconisa e porteira, as mulheres que louvam e cantam, enfim, todas têm uma função dentro da igreja que frequentam. Existe algumas restrições por parte das igrejas. No caso a religião adventista, o sábado é sagrado e as pessoas dessa religião não podem trabalhar no respectivo dia, não podem realizar nenhum tipo de trabalho a não ser ir para a igreja, uma das atividades sócio-religiosas presentes na Comunidade.

4. Considerações Finais

A pesquisa buscou abordar o modo de vida Kokama da Comunidade Sapotal, onde as mulheres ribeirinhas se adaptam à realidade em relação às circunstâncias vividas, ao passo que, vivem de acordo com o pulsar das águas do rio Solimões. Devido ao fato a Comunidade estar localizada em uma área de várzea, a população e a produção agrícola são afetadas anualmente pelo movimento das águas do rio. Diante disto, os produtos agrícolas têm o seu período de plantio e de colheita. De forma que os produtos cultivados em um determinado tempo e espaço e característicos da agrobiodiversidade local têm sua produção orientada pelos fenômenos naturais e conhecimentos tradicionais.

Foi possível identificar os principais trabalhos realizados pelas mulheres Kokama. Com destaque à agricultura familiar e à pesca e que se apresentam como principais atividades produtivas na Comunidade Sapotal. Essas atividades abastecem os grupos familiares de parte dos gêneros alimentícios e são uma fonte de renda monetária para estas famílias. O que as que se tornam imprescindíveis para o viver ribeirinho, uma vez que estas atividades promovem a relação das mulheres e o ambiente. Sendo assim, a mulher ribeirinha Kokama exerce várias funções em busca de obter a sua segurança alimentar e da família e, por viver em área inundável, adapta o meio de produção a seu favor (com muitas plantações), visando em um curto período de cultivo tanto para consumo quanto para comercialização. A sazonalidade fluvial afeta diretamente o transporte dos produtos para a cidade. A enchente e cheia são os principais fatores naturais que influenciam as atividades produtivas das mulheres. Pois, estes fatores resultam, em determinada época do ano, na reorganização das atividades produtivas tendo em vista o alagamento de algumas áreas produtivas.

No desenvolvimento da pesquisa deparou-se com alguns impasses relacionados ao levantamento bibliográfico da temática, “mulheres ribeirinhas indígenas”, sendo pertinente apontar a necessária realização de trabalhos diretamente em relação ao caso de estudo, contudo, no trabalho estas dificuldades foram superadas considerando os escritos sobre o viver ribeirinho, logo que estão envolvidos com a vivência das mulheres indígenas

Agradecimentos

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), pelo financiamento do projeto: Cadeias produtivas sustentadas e sustentáveis: um diagnóstico da cesta frutífera da agricultura familiar do Alto Solimões. EDITAL N. 003/2020 - PAINTER.

Referências

- Achselrad, H. (2013). Apresentação. In Henri. Achselrad (Ed.), *Cartografia social, Terra e Território*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional.
- Almeida, A. W. B. & Rubim, A. C. (2012). Kokama: a reconquista da língua e as novas fronteiras políticas. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 4.
- Altieri, M. (2001). *Agroecologia: A dinâmica da agricultura sustentável*. 3.ed. UFRGS.
- Bartra, A. (2011). *Os novos Camponeses: leituras a partir do México profundo*. Cultura Acadêmica. Cátedra Unesco de Educação do Campo e Desenvolvimento Rural.
- Batista, M. A. C. (2018). *O ritmo das águas e a organização dos agroecossistemas de terra firme do Alto Solimões, AM*. 112 f. Dissertação (Mestrado em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais) – Universidade Federal do Amazonas.
- Campanilli, M. (2012). Populações tradicionais. In Y. Veyret (Ed.), *Dicionário do Meio Ambiente*. Senac.
- Costa, R. C. & Nunez, C. V. (2017). Biodiversidade e Cadeias produtivas: potencialidades sinérgicas. In Reinaldo Corrêa. Costa & Cecília Verônica. Nunez (Eds.), *Cadeias Produtivas & seus ambientes*. Manaus: Editora INPA.
- Dácio, A. I. C. (2017). *Segurança alimentar e conservação nos agroecossistemas no Alto Solimões, Amazonas*. 162 f. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas.
- Fraxe, T. (2004). *Cultura cabocla/ribeirinha: mito, lendas e transculturalidade*. São Paulo: Annablume.
- Freire, P. (2019). *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.
- Laques, A.; Léna, P.; Silva, A. I. C.; Martins, A. L. U.; Arvor, D.; Dessay, N.; Noda, H.; Noda, S. N.; Robert, P.; Loireau, M. & Guillaumet, J. (2013). As políticas públicas e os efeitos sobre as estratégias de gestão de recursos: o caso do Alto Solimões, Amazonas, Brasil. In H. Noda; S. N. Noda; A. Laques; P. Léna (Orgs.). *Dinâmicas Socioambientais na Agricultura Familiar na Amazônia*. Manaus, AM: WEGA.
- Martins, A.; Noda, S.; Noda, H.; Martins, L. & Brocki, E. (2018). Agroecosystems, Landscapes and Knowledge of Family Farmers from Aramaçá Island, Upper Solimões Region, Amazon. *Agricultural Sciences*, 9, 1369-1387. doi:10.4236/as.2018.910095.
- Minayo, M. C. de. (1994). Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social. In M. C. de Minayo; S. F. Deslandes; O. C. Neto & R. Gomes (Eds.), *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Vozes.

- Morin, E. (2015). *Introdução ao Pensamento Complexo*. 5.ed. Sulina.
- Motta, M. F. (2003). *Espaço vivido / espaço pensado: o lugar e o caminho*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Noda, S. do N.; Noda, H. & Silva, A. I. C. da. (2013). Socioeconomia das unidades de agricultura familiar no Alto Solimões: formas de produção e governança ambiental. In H. Noda; S. do N. Noda; A. E. Laques & L. Philipe (Eds.), *Dinâmicas Socioambientais na Agricultura familiar na Amazônia*. Wega.
- Pereira, B. E. & Diegues, A. C. (2010). Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*.
- Ramos, A. S. F. (2018). *O pulsar das águas: recursividade nas dinâmicas socioambientais em um agroecossistema de várzea na Amazônia*. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências Ambientais) – Universidade Federal do Amazonas.
- Rubim, D. S. (2016). *Traçando novos caminhos: Ressignificação dos Kokama em Santo Antonio do Içá, Alto Solimões – AM*. 132 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas.
- Sanches, B. A. S.; Billacrês, M. A. R. & Ferreira, B. E. da S. (2020). Esboço do uso dos conhecimentos tradicionais e da agrobiodiversidade do povo Kokama no Alto Solimões. *Terceira Margem Amazônia*, 6 (15), 122-134. <https://doi.org/10.36882/2525-4812.2020v6i15p122-134>
- Santilli, J. (2009). *Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores*. São Paulo: Peiropolis.
- Santos, E. (2000). A contribuição da Geografia Cultural para a compreensão do mundo complexo. *EccoS Rev. Cient*, 2.
- Santos, M. (2012). *Pensando o Espaço do Homem*. 5.ed. Universidade de São Paulo.
- Saquet, M. A. (2017). *Consciência de Classe e de Lugar, Práxis e Desenvolvimento Territorial*. Consequência.
- Saquet, M. A. (2019). *Saber popular, praxis territorial e contra-hegemonia*. 1.ed. Consequência.
- Silva, A. I. C. (2009). *Governança ambiental e segurança alimentar: a agricultura familiar no Alto Solimões, AM*. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) – Universidade Federal do Amazonas.
- Silva, E. P.; Farias, G. G. & Alves, O. J. A. (2016). As políticas públicas e seus reflexos no modo de vida ribeirinho na Comunidade Menino Deus em Portel (PA). *Revista Cerrados (Unimontes)*, 14.
- Souza, C.; Souza, T. A.; Santos, F. S. & Menezes, M. V. (2009). As principais correntes do pensamento geográfico: uma breve discussão da categoria de análise de lugar. *Centro Científico Conhecer*.
- Tuan, Yi-Fu. (2012). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Eduel.